

O Homem das Barbas Brancas

Recordo com saudades as idas ao jardim publico com o meu avô materno. Que tardes inesquecíveis passámos a dar de comer aos patos, no lago, em corridas desenfreadas com outros garotos e catraias da nossa idade!

Fui uma felizarda, porque pude conviver com o meu avô, confraternizar com ele, e pude perceber o que significava ter um avô, no verdadeiro sentido da palavra, o que hoje não acontece com a maioria dos jovens. Com um jeito inato para o desenho, deliciava-nos com os animais, todo um zoológico nos era oferecido em meia dúzia de traços. Só lamento não ter guardado nenhum desses esboços, mas ficaram para sempre na memória, na gaveta das coisas inesquecíveis, boas de rememorar e a que recorremos em período de crise. Era um homem admirável, com uma cultura fora de série. Os mais velhos são, na verdade, verdadeiras bibliotecas ambulantes, ou mais modernamente, autênticas wikipédias, poços de saber, que malbaratamos e desprezamos. E podíamos trabalhar tanto com a 3ª idade e enriquecer o imaginário dos jovens, dando-lhes a conhecer outras vivências tão próximas no tempo mas já tão afastadas pelos avanços tecnológicos!

Foi nas minhas idas ao jardim, com esse avô de cabelo alvo e óculos encavalitados no nariz, que conheci aquele homem nas férias de Natal.

Inicialmente isolado, o seu aspeto bonacheirão atraía-nos. Depois, como um íman seduzia todos os catraios e contava histórias fantásticas como ninguém. Eu e os meus irmãos fazíamos parte do grupo, mas só eu detetava algo de familiar naquela figura. Seriam as barbas e os olhinhos vivos e negros como duas azeitoninhas sempre a brilhar de entusiasmo, seriam as botas pretas até ao joelho com o couro todo esfolado, seria o cãozito tão fofinho que o acompanhava e que contribuía para chamar as crianças espalhadas pelo jardim? Ele também me olhava com maior intensidade e, de vez em quando, piscava-me o olho. Assombrada, não queria acreditar no que via, mas o avô descansava-me: «Ó minha querida, o senhor está encantado contigo tal como tu estás com ele. Ou estarei enganado?» Presa às palavras que o velhote proferia, ouvia-o, completamente enfeitiçada. As crianças adoravam ouvi-lo; já os adultos achavam que devia ter saído de algum hospício.

Apareceu durante a temporada das festas, mas não em dias consecutivos. «Às tantas é para não ser apanhado pela polícia!» constatou o avô. Sempre fui muito ligada às histórias e ele puxava pela imaginação das crianças e de tudo fazia um conto: um pequeno pau no jardim era a varinha mágica perdida pela Fada Desastrada; uma folha vermelha do fim do Outono tinha vindo a bailar nos braços da brisa lá do outro lado do mundo; as areias do jardim tinham voado nos braços de uma tempestade dos desertos da Arábia até ali, até àquele cantinho mágico de verde no meio do cinzento da cidade; a parede de uma gruta que lá existia, coberta de azulejos com uns rabiscos ilegíveis, fora construída de um dia para o outro por uns extraterrestres que tinham aterrado, a coberto da noite, para encherem o depósito de água; o patinho que nadava no lago

era um príncipe encantado de uma história que ainda havia de ser contada; a árvore, à sombra da qual nos sentávamos, era o Deus da Verdura e comandava todas as outras árvores que, durante a noite, bailavam e faziam coreografias fantásticas para os seres noturnos... E, ao dizer isto, olhava-me e piscava-me o olho. Lembro-me de tentar convencer a minha mãe a levar-me ao jardim durante a noite para ver esses bailados e o que por lá se passava.

Entre a assistência, havia uma pequenita da minha idade que o escutava tão fascinada como eu. Achava-a diferente, desajeitada, mas não sabia porquê. E embora tivesse tentado brincar com ela muitas vezes, a verdura do seu olhar teimava em fugir do meu e não encontrava eco nas minhas tentativas de entabular diálogo ou de a ver brincar com as bonecas, de que sempre fui tão ciosa. Cativava-me a Júlia, como carinhosamente a tratava a empregada que a levava ao jardim, e mais ainda por ficar tão seduzida com o velhote como eu. E... quando ele se ia embora, ela era capaz de reproduzir as histórias que ele contara sem esquecer qualquer pormenor. Parecia que a movia um mecanismo a que tivessem dado corda. Era tão cativante a miúda! Nunca a esqueci. Gostava de saber o que foi feito da pequena Júlia.

E durante alguns anos, por aquela altura, se repetiram os encontros. Deixei de os ver, ao velhote e à Júlia, não sei bem quando... As idas ao jardim espaçaram-se, porque nós crescíamos e o avô envelhecia e já não aguentava a caminhada.

Muitos anos depois, vim a descobrir que ela era autista e sofria do Síndrome de Asperger. Precisava de compreender aqueles jovens que se fechavam nas suas conchas e que não conseguiam comunicar ou que interagiam de forma diferente. O filme “Rain Man – Encontro de Irmãos” terá também influenciado a decisão, pois lembrou-me a Júlia, a menina da minha infância que me marcara de uma forma única e tão dolorosa, reconhecia agora.

Um dia, muitos anos depois, era Consoada, vinha das compras da última hora com o meu filho e resolvi fazer o trajeto até casa dos meus pais a pé, atravessando o jardim. Estava tão diferente! Os arruados em areão e areia tinham sido substituídos por alcatrão, os miúdos já não jogavam a macaca nem o lencinho, não havia correrias que colorissem as bochechas, não se ouviam risos cristalinos nem gargalhadas sonoras.... Agora... andavam de skate, de bicicleta ou tinham nas mãos aqueles aparelhos infernais com que começavam jogos que nunca mais acabavam ou os smartphones e outras maquinas maquiavélicas que os enclausuravam num mundo de mudos e de surdos, de autómatos, em que não havia interação nem diálogo. Apenas se escutavam berros de frustração e, aqui e acolá, um palavrão, porque perdera a guerra, fora desclassificado na corrida ou não apanhara o vilão. No lago, os patos não tinham quem lhes atirasse bocadinhos de pão nem milho e também eles pareciam viver num outro mundo que perdera o encanto dos espaços verdes e das brincadeiras. Os seus QUA QUA eram fracos e espaçados e olhavam indiferentes para quem se aproximava da margem e os tentava atrair com pedacinhos de chocolate ou batatas fritas. E dei comigo a pensar que os jovens eram todos autómatos e se tinham tornado voluntariamente «autistas», porque não comunicavam e, mesmo lado a lado, enviavam-se SMS.

Foi então que o vi. As mesmas barbas brancas, o mesmo olhar vivo e brilhante, o mesmo sorriso paciente e reconfortante. Contava histórias mas só tinha duas ouvintes: uma petiza que parecia uma estátua, toda ela só olhos, e uma outra que, coisa engraçada, tinha uma camisola igual à que a mãe me tinha tricotado quando tinha seis anos. Como eu gostava daquela camisola! Fui-me aproximando, pé ante pé, para não os distrair e olhei curiosamente para a morenita que, sentada nos joelhos do velhote, lhe bebia as palavras atentamente. Estupefacta, vi que era eu que o ouvia, era a minha memória que continuava presente naquele parque infantil e que teimava em ouvir contar histórias. Na outra, que nos olhava fixamente e que escutava com todo o cuidado as palavras do velho, reconheci a Júlia, a menina com quem nunca conseguira comunicar, mas que, naquele dia, me estendeu os braços e me sorriu. Que estranho! Senti que uma enorme paz descia sobre mim e senti-me bem, realizada e satisfeita comigo própria. A Júlia estava bem, embora desconhecesse o que o destino lhe reservara. Terá sido um instante ou uma eternidade? Só sei que, naquele meu devaneio, para além de ver uma piscadela de olho na minha direção, pude ouvir nitidamente HO! HO! HO! e uma gargalhada juvenil da garota que me olhava e me desafiava.

Não pude evitar um suspiro e um grande arrepio quando o meu filho, que não parava quieto, me perguntou: «Ó mamã, quem era aquele velhote de barbas brancas que te piscou o olho? E eu conheço aquela menina que estava sentada nos seus joelhos. Só não sei onde é que já a vi. E a outra que nos olhou e sorriu para ti. Conheces as meninas, mamã? Tu sabes quem eram, mamã?»

Perturbada, recomecei a andar, desviei a conversa e respondi: «Não vi ninguém». Lançou-me o olhar, que eu já aprendera a decodificar “Não acredito em ti!”, mas nada disse. Calmamente, deu-me a mão, olhou para trás e continuámos a andar, enquanto me olhava de soslaio.

Já em casa da minha mãe, a primeira coisa que fiz foi esconder o meu retrato onde estava com a tal camisola.

Maria Teresa Portal Oliveira